

Estado de S. P.  
30. 3  
1968

Um dos conceitos mais característicos do pensamento hegeliano é o "Zeitgeist", (espírito do tempo). Se a história for concebida como um movimento do espírito da subjetividade para a objetividade, um movimento portanto pelo qual o espírito se objetiva progressivamente, todo instante dado na história representa um determinado estágio de objetivação, estágio este chamado "espírito do tempo". Esse espírito se manifesta e age em todos os fenômenos de uma época dada. É ele que imprime sobre uma época dada aquele clima que a caracteriza, o seu "estilo". O conceito não é uma criação hegeliana. O jovem Goethe, por exemplo, preocupava-se muito com o "Zeitgeist", que para ele é um espírito vulgar e comum, contra o qual o pensador verdadeiro luta para afirmar-se. Mas em Hegel o conceito "Zeitgeist" adquire uma plenitude de significação que permite vislumbrar um método para a construção de uma época, e também das tendências que agem nela para resultarem em outra. O método é este: tomem-se dois fenômenos da mesma época, de preferência dois fenômenos muito distintos. Comparem-se esses fenômenos para descobrir o comum a ambos. Este será o "Zeitgeist". Terá sido captada assim não apenas a explicação dos fenômenos escolhidos, mas também da época na qual

ocorrem. Pelo menos uma explicação dentro do modelo hegeliano. E já que toda explicação ocorre dentro de um modelo, isto não é defeito.

Estas considerações me ocorreram quando contemplei um quadro de Ely Bueno. Por um daqueles palpites repentinos que os românticos chamam "intuição" ou "inspiração", e que a língua alemã chama "Einfall", (palpite no sentido de invasão vertical de cima para baixo), vi nesse quadro não apenas um espírito do tempo, (ou devo dizer: o espírito de dois tempos?). Deve ter comparado, com rapidez inconsciente, o quadro de Ely Bueno com dois outros fenômenos, a saber com a filosofia da geração passada e com a filosofia da atualidade. Com efeito, o quadro parece ser uma ilustração dessas duas filosofias, da ruptura entre elas, e das tentativas parcialmente frustradas de comunicar entre ambas através do abismo. Tal foi o impacto que isto causou que aderi momentaneamente ao modelo hegeliano. Mas há uma curiosa dialética na adesão a Hegel: na adesão Hegel fica superado.

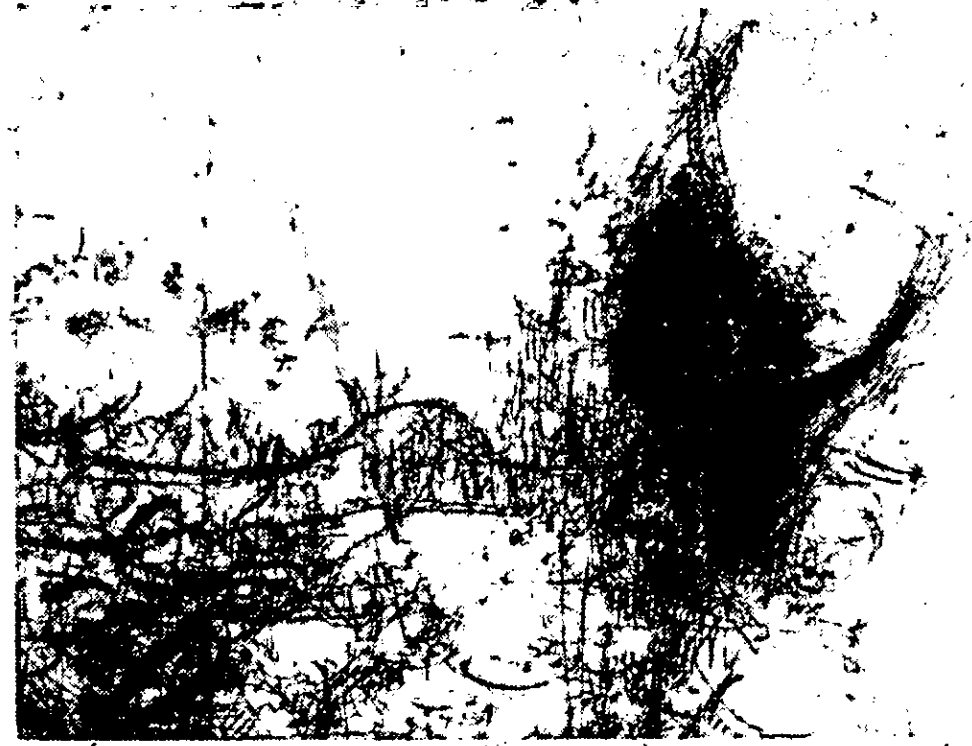
Descreverei o quadro, mas antes esboçarei as duas filosofias com as quais comparei intuitivamente. A primeira é a própria filosofia hegeliana com seus descendentes, por exemplo Marx e Dilthey. É uma filosofia do



movimento, da tendência, da dinâmica, do progresso, da evolução, em suma: é historicidade. A segunda é aquela que se inicia com Husserl, e cuja descendência varia: começa a articular-se atualmente. É uma filosofia da relação, do campo, da função variável, da comparação de sistemas em busca de matheas universal, em suma: é estruturalismo. Embora seja possível equacionar a primeira

na segunda e a segunda na primeira, a própria reversibilidade da relação já representa, por si só, a vitória da segunda. Em outras palavras: embora possa eu explicar o estruturalismo historicamente, o fato de poder também explicar o historicismo estruturalmente é a derrota do historicismo.

O quadro deve ser lido de direita para esquerda, para cima e para baixo. Possui negativas argumentis. Um torvelinho violento rodopia sobre uma ponta imaginária, e abre-se para cima. O redemoinho é móvel e está subindo. Na medida, na qual sobe, fica mais amplo. Mas também mais complexo e mais informado. A massa amorfa e primordial da qual é composto o seu núcleo adquire forma e individuação nos limites ascendentes. Detritos da comocão são expelidos do processo, e decaem, superados, para o ralo do esquecimento. E protuberancias são propulsoas, quais tentáculos tentativos, em direção superior, per aspera ad astra. Mas o redemoinho ocupa apenas a parte direita do quadro. Todo otimismo que ele possa causar em nós, a despeito da sua violência, é pois prematuro. O quadro continua para esquerda, abandonando o torvelinho máe, embora este "brionicamente ligado a ele pelo cordão umbilical" por ele emitido. Várias formas embrionárias acompanham o cordão, o qual anda, suavemente e irônicamente, só



Detalhe bre dois pés picaastiano. Es-

discorre verticalmente e su-  
ja o quadro. E na fronteira  
de cá da barreira obstáculos  
estão acumulados e redu-  
zem, pela sua horizontali-  
dade nivelada, a verticalida-  
de do torvellino ao absurdo.

O eixo cartesiano tem raí-  
zes profundas. É árvore an-  
corada, mas árvore sem co-  
pa. Podemos imaginar a co-  
pa apenas extrapolando o  
quadro para cima e além  
do seu horizonte. Mas muita  
coisa acontece na parte  
visível do tronco, especial-  
mente na parte de baixo. A  
nossa tendência é de simbo-  
lizar esses acontecimentos  
para compreendê-los, e elevá-  
los do reino meramente em-  
pírico da vivência sem sen-  
tido. A tentativa de compre-  
ensão da passagem fracassa,  
pois toda ruptura é essen-  
cialmente incompreensível,  
ou não seria ruptura. Pode-  
mos agarrar-nos apenas a  
um único fenómeno, na vã  
esperança de dar sentido aos  
acontecimentos que marcam  
o nascimento do corajoso  
mundo novo: uma forma  
que atravessa o eixo logo  
abaixo do centro da cruz  
cartesiana, e que evoca um  
"e" ou um "e". Será ela a  
cópula "e" que une os dois  
mundos? A suposição é des-  
mentida pelo cordão umbi-  
lical que atravessa patétic-  
amente a barreira para di-  
luir-se no novo terreno ao  
qual é inadaptável. É logo  
mais o vazio, o espaço in-  
tergalaxial que separa as  
épocas, atravessado esporá-  
dicamente por "partículas"  
perdidas que deixam marcas  
na câmara Wilson da nossa

mente nublada, antes de de-  
saparecerem e contrariarem  
assim a suposta lei da con-  
servação da matéria palpá-  
vel, (ou pelo menos visível).  
Morreu um espírito de um  
tempo.

Viva o novo. Viva espe-  
cialmente, porque parece  
ser antropomorfo. Não tem  
cara de rosto? Tem nariz,  
tem olho, tem, se quiserem,  
até chuca-chuca. Mas uma  
inspeção mais cuidadosa re-  
velará que este novo espí-  
rito deste novo tempo ape-  
nas simula ser humano. É,  
na realidade, um metassiste-  
ma composto de sistemas.  
Por exemplo aquela parte  
do pseudo-rosto que parece  
ser olho: parece ser olho  
apenas se assumirmos o  
ponto de vista relativo ao  
metassistema. Como siste-  
ma em direito próprio não  
tem sentido falarmos em  
olho. Todo sentido é rela-  
cionado ao seu contexto.  
Uma viagem de inspeção  
pelo metassistema, diagnós-  
tico como "rosto" da pers-  
pectiva humanística aban-  
donada com o torvellino no  
lado direito do quadro, re-  
velará uma multiplicidade  
de contextos independentes,  
mas intrincados mutuamente.  
Um caos composto de  
universos. Todo sistema tem  
seu sentido, sua "raison  
d'être". Como também tem  
seu sentido o supersistema  
todo. Há, em tudo isto, um  
excesso de sentido, um ex-  
cesso de explicações, e é es-  
te excesso que é vivenciado  
como caos. Porque provoca  
o problema das "preguntas of-  
fending", a verdade, uma

viagem de inspeção pelo  
pseudo-rosto pseudo-humano  
deste computador cretino e  
robóticamente hidrocefálico  
revela o espírito do nosso  
tempo. Se é que ainda po-  
demos falar em "espírito"  
e não em "espectro". Regra-  
ficou superado anti-hegelia-  
namente, e a época espera  
estupefata pelo novo rosto  
que surgiu à esquerda do  
quadro, por uma "Fenome-  
nologia do Espectro", e por  
uma "Antifilosofia da Anti-  
história", que será um  
acontecimento, (em sentido  
de "happening") antimo-  
rável, e por isto mesmo con-  
creto.

Mas será que o quadro  
autoriza tamanho pessimis-  
mo? Creio que o pessimis-  
mo é tão precipitado quan-  
to o foi o otimismo do la-  
do direito do quadro. O me-  
tassistema é um sistema  
aberto. Os seus contornos  
têm rachaduras. São pou-  
cas, mas existem. Algo po-  
de penetrar, por entre elas,  
para dentro do supersiste-  
ma. E, mais importante  
ainda, algo lhe pode esca-  
par por entre elas. Com  
efeito, algo já lhe pareceu  
ter escapado. Não apenas  
para baixo, mas também em  
direção futuravel do quadro.  
Que é este algo? Um outro  
espírito de um outro tem-  
po? É claro que não pode-  
mos especular sobre pergun-  
tas deste tipo, porque, se  
pudéssemos, o espectro espí-  
rito já teria sido totalmen-  
te utilizado para esse novo  
tempo. São apenas as  
impostas e a nossa  
ação, e são portanto os  
rizontes deste quadro.

Descrevi o quadro e  
é: traduzi da língua alemã  
Ely Buono para o português.  
Embora esse estudo não  
a ter algo com "fidelidade"  
ao texto "traduzido", o  
termo "fidelidade" deve ser  
ligado ao termo "fó", e o ter-  
mo "texto" ao termo "con-  
texto". Em outras palavras,  
a fidelidade ao texto não é  
a transposição mecânica da  
estrutura de um sistema  
para outro sistema, por-  
que isto implicaria justa-  
mente em perda de texto.  
Isto teria acontecido, se ti-  
vesse, por exemplo, tradu-  
zido o quadro por sentenças  
que apontam traços e va-  
zios em todo milímetro qua-  
drado do quadro. A fide-  
lidade ao texto é a tentativa  
de captar o sentido de um  
sistema por um outro sen-  
tido em outro sistema si-  
tuado em um metassistema.  
"Traduzir" é pois "dar ou-  
tro sentido dentro de me-  
tassentido". A este esforço  
este artigo está dedicado.  
Portanto este artigo é mais  
outro fenómeno do espí-  
rito de nosso tempo.

Quadro de Ely Buono

te andar é interrompido, no  
seu avanço em direção ao  
nascimento de uma nova era  
do lado esquerdo do qua-  
dro, por uma brutal abscissa  
cartesiana. Será ela a se-  
gunda guerra, ou estou exa-  
gerando a minha tradução  
exegética indevidamente? Já  
antes de ter alcançado a  
barreira, um mau preságio  
aparece no desenvolvimento  
da época-quadro. Uma faixa  
líquida e cinzenta, mas a  
daspeito deste sangrento,



Detalhe